

A CONJUNÇÃO JCPOA, PETRÓLEO E A OPEP+

Por M. K. Bhadrakumar*



Raheb Homavandi/Reuters.

Especula-se que a Rússia se opõe ao acordo nuclear Irã-EUA, uma vez que o Irã substituiria o seu petróleo, mas especialistas dizem que os iranianos estão longe de substituir completamente o petróleo russo do mercado global.

A notícia que foi manchete hoje é que o governo Biden pode ter se aproximado de reiniciar o acordo nuclear de 2015 com o Irã. Enquanto isso, escapou à atenção que o ministro do petróleo iraniano, Javad Owji, disse apenas um dia antes em Teerã, após uma reunião com Igor Levitin, assessor sênior do presidente Vladimir Putin, que os dois países finalizaram suas negociações sobre “compra e troca de gás” e o contrato vai ser assinado em Moscou.

Owji divulgou que o Irã e a Rússia estão negociando um Memorando de Entendimento (MoU, *Memorandum of Understanding*) para o desenvolvimento de outros 14 campos de petróleo e gás iranianos, além dos sete campos de petróleo e gás já para os quais existem contratos.

De fato, em julho, o Irã e a Rússia assinaram um memorando de entendimento, segundo o qual a Rússia concordou em investir US\$ 40 bilhões na indústria petrolífera iraniana. Os destaques incluíram o desenvolvimento dos campos de gás Kish e North Pars do Irã, seis campos de petróleo e a conclusão de projetos de GNL – e, mais importante, troca de gás e produtos petrolíferos e construção de gasodutos de transferência de gás.

Owji acrescentou que a comissão econômica conjunta Irã-Rússia realizará uma reunião em Moscou nos próximos dois meses para continuar suas discussões

sobre a expansão da cooperação nas áreas de energia, transporte, comércio, entre outras.

Uma narrativa ocidental ganhou terreno de que a Rússia se opõe ao acordo nuclear Irã-EUA, uma vez que o Irã substituirá o petróleo russo no lucrativo mercado europeu por seu próprio petróleo e, no processo, reduzirá o alto preço do petróleo também inundando o mercado mundial com seu aumento na produção de petróleo, o que corroeria a renda de Moscou com as exportações de óleo, que é um dos pilares de sua economia lutando sob as sanções ocidentais.

Na realidade, porém, não há contradição aqui – pelo menos no que diz respeito ao Irã e à Rússia. Para começar, a opinião uniforme de especialistas é que isso está longe de ser uma situação em que o Irã substitua completamente o petróleo russo do mercado global de energia. É concebível que o Irã possa adicionar até 900.000 barris por dia de produção dentro de três meses após o relaxamento das sanções e potencialmente bombear perto de sua capacidade total de cerca de 3,7 milhões de barris por dia em seis meses.

De acordo com o Goldman Sachs, mesmo que se chegasse a um acordo, o Irã levaria cerca de 12 meses para aumentar totalmente sua produção de petróleo. O banco estima que o Irã aumentaria sua produção para 3,7 milhões de barris por dia, dos 2,7 milhões de barris atuais, mas as exportações provavelmente levariam vários meses para aumentar. Na melhor das hipóteses, o retorno do Irã ao mercado terá um efeito temporário no curto prazo, porque uma parte do petróleo iraniano já está disponível no mercado.

ENCANTOS ESCONDIDOS DA TROCA DE ÓLEO

Há três fatores-chave em jogo aqui, o que está gerando narrativas falsas. Em primeiro lugar, as expectativas precisam ser temperadas, considerando que o entendimento estratégico entre Rússia e Irã está em um nível recorde hoje e é difícil ver Teerã desafiando os interesses centrais da Rússia nas atuais condições geopolíticas – deixado sozinho, ser parte de um empreendimento tão ocidental.

O Irã certamente levará em consideração que qualquer melhoria significativa em suas relações com a Europa ou os EUA será um longo caminho, enquanto, por outro lado, a vida útil de um acordo nuclear pode ser muito limitada. Depois de 2024, a política dos EUA pode tomar novos rumos. Também para o mercado europeu de energia, o momento atual é um período de transição para a energia verde.

Dados esses parâmetros, o Irã está intensificando rapidamente sua cooperação econômica com a Rússia, com energia e transporte sendo dois *hubs*. O Irã anunciou na terça-feira que o sistema de pagamento rial-rublo entrou em voga e está sendo administrado pelo sistema Mir do Banco Central Russo. No mês passado, a Bolsa de Valores de Teerã lançou a negociação de rial-rublo. A intenção estratégica, claramente, é contornar o sistema financeiro global dominante nos EUA.

Em segundo lugar, decorrente do exposto, o Irã não está olhando para o paradigma em termos binários. Há uma forte possibilidade de que o Irã possa aumentar as

exportações de petróleo para a Europa por meio de um mecanismo de “troca” com a Rússia.

Um acordo de troca é bastante viável pelo qual o petróleo russo atende às necessidades das regiões do norte do Cáspio do Irã, enquanto o Irã exporta (em nome da Rússia) o excedente de petróleo liberado para atender às suas demandas internas. Autoridades russas e iranianas vêm desenvolvendo a ideia de um acordo de “troca”.

Agora, uma vez que seu sistema de pagamento está fora do sistema SWIFT e do dólar, os forasteiros ficarão adivinhando sobre qualquer acordo de troca russo-iraniano. Além disso, mendigos não podem escolher, e a UE não está em posição de desprezar o petróleo iraniano. Mais uma vez, o petróleo iraniano presente no mercado hoje é quase todo na forma de misturas, que muitas vezes são transportadas por navios-tanque de outros Estados.

Em terceiro lugar, não se deve esquecer que o Irã tem uma convergência de interesses com a Rússia (e com a Arábia Saudita e os Emirados Árabes Unidos) no que diz respeito aos preços no mercado global. Em outras palavras, é uma questão de tempo até que o Irã se junte à OPEP+ (a aliança petrolífera entre a Arábia Saudita e a Rússia em seu núcleo).

A Arábia Saudita está cada vez mais alinhada com a Rússia do que com os Estados Unidos no cenário global. E ambos precisam de preços mais altos para o petróleo. Os comentários amargurados do ministro do petróleo da Arábia Saudita, príncipe Abulaziz bin Salman, recentemente, foram farpas dirigidas ao governo Biden quando ele falou do “ciclo vicioso autoperpetuante de liquidez muito fina e extrema volatilidade de preços” nos mercados de petróleo, e como foi “amplificado por o fluxo de histórias infundadas sobre a destruição da demanda, notícias recorrentes sobre o retorno de grandes volumes de oferta e ambiguidade e incerteza sobre os possíveis impactos de tetos de preços, embargos e sanções”.

O príncipe saudita estava aludindo à intervenção desenfreada do governo Biden nos mercados de petróleo. Do ponto de vista saudita, as primeiras políticas climáticas do presidente Biden frustraram o investimento *upstream* desde que ele assumiu o cargo no início de 2020.

O EFEITO BORBOLETA

As observações do príncipe saudita foram ainda mais reveladoras quando ele foi questionado pela *Bloomberg* sobre o futuro da OPEP+. Ele afirmou em resposta por escrito:

“Na OPEP+, vivemos um ambiente muito mais desafiador no passado e emergimos mais fortes e coesos do que nunca. A OPEP+ tem o compromisso, a flexibilidade e os meios dentro dos mecanismos existentes da Declaração de Cooperação para lidar com esses desafios e fornecer orientações, incluindo o corte de produção a qualquer momento e de diferentes formas, como foi demonstrado clara e repetidamente em 2020 e 2021.

“Em breve, começaremos a trabalhar em um novo acordo além de 2022, que se baseará em nossas experiências, conquistas e sucessos anteriores. Estamos determinados a tornar o novo acordo mais eficaz do que antes. Testemunhar essa volatilidade prejudicial recente perturbar as funções básicas do mercado e minar a estabilidade dos mercados de petróleo só fortalecerá nossa determinação”.

Dito de forma clara, Riad, importante regulador do mercado global de petróleo, planeja manter ou mesmo aumentar as restrições à produção e oferta total de petróleo para o mercado mundial e, para isso, estenderá o acordo OPEP+, que limita a produção nos países participantes.

As implicações são duplas: um, a Rússia pode considerar suas receitas de exportação de petróleo relativamente protegidas no futuro concebível; e, dois, se a OPEP+ for aprimorada para torná-la “mais eficaz do que antes”, o Irã terá que ser trazido a bordo.

Curiosamente, a última reunião da OPEP+, em 3 de agosto, decidiu aumentar a produção para 100.000 barris apenas em setembro, depois de aumentá-la em 648.000 barris por dia em julho e agosto. Segundo a *Reuters*, em julho, a produção real ficou abaixo das cotas acordadas em cerca de 2,9 milhões de barris por dia. Esse déficit é mais do que toda a produção atual do Irã!

Fundamentalmente, os sauditas entendem que a saída da Rússia dos mercados asiáticos pode não ocorrer, dadas as posições da China e da Índia. Ou seja, qualquer aumento na presença de petróleo do Golfo na Europa acontecerá por si só, à medida que os suprimentos russos se voltarem para o leste – e, portanto, não há razão para arruinar a OPEP+ com a Rússia.

Portanto, não se deve esperar uma queda significativa nos preços mundiais devido ao crescimento da produção no Irã. Tanto a Arábia Saudita quanto o Irã se preocupam principalmente com o bem-estar de seus estados, portanto, sua posição será formulada para que os preços atuais sejam confortáveis, as grandes empresas continuem aumentando os lucros trimestrais e enquanto o mercado não rejeitar tal preço do petróleo devido a uma banal falta de dinheiro, tente mantê-lo alto.

A OPEP+ foi a onda cerebral do presidente Vladimir Putin e do príncipe herdeiro saudita Mohammed bin Sultan em um domingo em Hangzhou, China, há seis anos. O paradoxo hoje é que a Rússia e a Arábia Saudita devem ser os principais beneficiários do acordo nuclear EUA-Irã conhecido como o JCPOA.

Publicado no [Indian Punchline](#).

**M. K. Bhadrakumar foi diplomata de carreira por 30 anos no Serviço de Relações Exteriores da Índia. Serviu na embaixada da Índia em Moscou em diversas funções e atuou na Divisão Irã-Paquistão-Afeganistão e na Unidade da Caxemira do Ministério das Relações Exteriores da Índia. Ocupou cargos nas missões indianas em Bonn, Colombo, Seul, Kuwait e Cabul; foi alto comissário interino adjunto em Islamabad e embaixador na Turquia e no Uzbequistão.*
